

Os novos canoenses – representações e comportamento das migrações no processo de desenvolvimento da cidade de Canoas

Rejane Penna - UNILASALLE /Arquivo Histórico do RS

Alexandre Bandeira Monteiro e Silva - UNILASALLE/UNISINOS

1.Introdução

O presente texto apresenta brevemente algumas discussões que integram um projeto iniciado em 2004, com final previsto para 2007, denominado “Os novos canoenses - representações e comportamento das migrações no processo de desenvolvimento da cidade de Canoas”, objetivando analisar como migrantes interurbanos representam sua chegada e inserção na nova cidade. Trata-se de um trabalho interdisciplinar entre conhecimentos da área da História e da Economia, entretanto, tendo em vista a natureza do evento no qual inscreve-se, privilegia-se os aportes e raciocínios históricos.

Primeiro relataremos a transformação da cidade de Canoas em pólo atrativo às populações, enfocando, a seguir, o fenômeno migratório em termos nacionais e locais. Após, discutiremos as possibilidades de entender as percepções desse processo por seus sujeitos, dentro dos recursos da metodologia da História Oral, ligando memória e representações. Por fim, uniremos as partes tentando compreender como os migrantes advindos de outras cidades perceberam sua inserção em uma cidade específica – Canoas, com suas características de pólo industrial e universitário.

2.Canoas transforma-se em pólo atrativo às populações

A cidade de Canoas estende-se por 131,1 km² na região leste da Depressão Central do Estado do Rio Grande do Sul, no centro da região metropolitana, a 20 km da capital, Porto Alegre, localizada junto a uma bacia hidrográfica das mais ricas, com a presença do Rio dos Sinos e do Rio Gravataí.

Alguns fatores aceleraram as modificações que levaram a localidade a evoluir de uma base agrícola, até as primeiras décadas do século XX ao atual pólo industrial, como a expansão do sistema rodoviário moderno, iniciado pelo trecho Porto Alegre-São Leopoldo, facilitando as comunicações e os deslocamentos.

O fluxo para Canoas intensificou-se nos anos 50, do século XX, auxiliado também pela legislação regulamentadora dos loteamentos em Porto Alegre, por intermédio da Lei n.1233, que encareceu os lotes, exigindo do loteador água, esgoto pluvial, pavimentação, rede elétrica, iluminação pública, dimensões controladas dos lotes, além de reservas para o verde público. Esta Lei foi alterada, em parte, em 1966 e vigorou até 1979, por conseguinte, empurrando a população pobre para as periferias, auxiliando, junto com a instalação de indústrias, a constituição da chamada “Grande Porto Alegre”. (Penna, Rejane, Gayeski, Miguel e Corbellini, Darnis. Estância Velha. Canoas - para lembrar quem somos. Canoas: Canoas Tecnocópias Gráfica e Editora, 1997).

Buscando acompanhar o país no aprofundamento e diversificação das atividades industriais, o Rio Grande do Sul pressionaria e conseguiria, em 1968, ver instalada no seu território a Refinaria Alberto Pasqualini. O fato marcaria para sempre o perfil da cidade de Canoas, escolhida para sediar o grande complexo industrial, o qual foi acompanhado de muitos outros investimentos estruturais, como a duplicação da BR-116 (Canoas – Perfil sócio-econômico. Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Canoas, 1996; Canoas. Coleção de Monografias Municipais. Nova Série, nº 66. IBGE. Rio de Janeiro, 1984.)

Atualmente, pela divisão mais freqüente no Estado do Rio Grande do sul, Canoas situa-se na macroregião nordeste, que concentra a industrialização e os maiores aglomerados urbanos, configurando-se como uma rede bem estruturada, possuindo grandes vantagens aglomerativas no eixo Porto Alegre-Caxias do Sul e em algumas áreas adjacentes. (Klarmann, Herbert. Regionalização e planejamento: reflexões metodológicas e gerenciais sobre a experiência gaúcha. Ensaio FEE. Porto Alegre, v.23, número especial, 2002).

Canoas sofre o mesmo processo que vem ocorrendo nas diversas regiões do país, ou seja, mudanças no formato das redes urbanas regionais, com peso crescente das aglomerações urbanas metropolitanas e dos centros urbanos médios. Na perspectiva da região metropolitana de Porto Alegre, Canoas, entre 1940 e 1950 teve a mais alta taxa de crescimento demográfico, com 7,83% ao ano (Neves, Gervásio; Miranda, Luiz Gonçalves,; Corbetta, Elizabeth. (org.). Atlas Social da Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre: Metroplan, 2003). Boa parte não decorreu

do simples crescimento vegetativo de sua população, mas da entrada de novas populações – os migrantes – com objetivos de morar e trabalhar na cidade.

3. A experiência dos migrantes na nova cidade

O processo migratório nacional foi amplamente estudado por geógrafos, sociólogos, antropólogos e estatísticos, a partir de 1960. Grande parte dos estudiosos que abordaram a questão tenderam a excluir, em suas análises, os significados que os próprios migrantes atribuíam às suas experiências migratórias e vivências em diferentes culturas. Poucos levaram em consideração os modos como foram transferidos os usos e costumes dos lugares de origem ao de destino e a maneira pela qual os migrantes tenderam a reinterpretar suas vidas na terra natal no contexto da cidade maior (Lucena, Célia. Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes. São Paulo, Arte & Ciência, 1999, p.18). Efetivando nossa proposta de auxiliar no preenchimento desta lacuna, verificou-se que o aumento populacional de Canoas resultou de um amplo e vigoroso movimento de migração interna, atraído pelas novas implantações industriais, pelo comércio e serviços necessários aos setores econômicos e pela própria população em crescimento. (Neves, Gervásio, Miranda, Luiz Gonçalves, Corbetta, Elizabeth. (org.).idem, 2003, p.24).

Dentro dessa perspectiva, investigou-se, a partir das relações obrigatórias de trabalho, mediadas por atividades não necessariamente ligadas às escolhas individuais, de que forma os indivíduos migrados vivenciaram e construíram as representações dessas experiências, relacionando-as aos contextos concretos.

A base de análise foram as entrevistas orais e como suporte teórico reportamo-nos a Bourdieu, ligando representações e espaço social. Significa uma ruptura com o objetivismo que leva a ignorar o espaço social como um campo de lutas simbólicas, cujo resultado é a afirmação da própria representação do mundo social e a definição da hierarquia dentro e entre os campos sociais. O espaço social é perpassado pela estrutura objetiva, por isso, toda representação tem um conteúdo de referência sócio-cultural, histórica e política. (Bourdieu, Pierre – “Espace Social et Genèse des ‘Classes’ ” in: Actes de La Recherche en Sciences Sociales, número 52 – 53, junho de 1984).

Sabe-se que nos relatos estarão contidas as representações em seus diversos aspectos, sendo produtivo acrescentar-se à dimensão espacial de Bourdieu uma dimensão temporal em dois tempos: “O tempo curto da interação que tem por foco a funcionalidade das representações e o tempo vivido que abarca o processo de socialização – o território do habitus (Spink, Mary Jane – “Desvendando as Teorias Implícitas: uma Metodologia de Análise das Representações Sociais” in: Guareschi, P. e Jovchelovitch, S. (orgs) – Textos em Representações Sociais, Petrópolis, Vozes, 1995.p.122).

Essa perspectiva amplia a visão de Bourdieu na medida em que o contexto de surgimento e permanência das representações aparece composto por dois eixos: o sócio- histórico, construções sociais que alimentam nossa subjetividade e o discurso, ou as versões funcionais constituintes de nossas relações sociais .

Com os aportes acima apenas esboçados, frente aos limites do texto, selecionamos pessoas entrevistadas que tinham em comum o fato de serem oriundas de outros meios urbanos do Rio Grande do Sul, encontrarem-se, no mínimo, há 10 anos na cidade (tempo suficiente para experienciar e narrar o processo com alguma perspectiva) e de desenvolverem alguma atividade produtiva. Serão observadas algumas imprecisões quanto a determinadas informações sobre os depoentes, devido ao fato das entrevistas, realizadas entre 1999 e 2000, serem oriundas de outro projeto (Canoas – para lembrar quem somos), com objetivos diferenciados do nosso, mas tendo em comum a abordagem focada na cidade de Canoas.

Origens

Nome	Formação	Proveniência	Família
Clodomiro Koch , nascido em 1929	Curso técnico	São Sebastião do Caí	Avô alemão formou família em S.Sebastião do Caí
Clair Beltrame , nascido em 1937.	Estudou em seminário dos 11 aos 15 anos. Mandado embora foi ser chapeador	Getúlio Vargas	Órfão de pai e mãe, foi criado com o tio, proprietário de uma concessionária Chevrolet, que incluía as atividades de chapeação e pintura.
Lucy Lopes de Oliveira , nascida no final da década de 50.	Curso de auxiliar de escritório e Estudos Sociais.	Bagé	Não menciona detalhes na entrevista

O deslocamento

Clodomiro Koch	Primeiro deslocamento-pré-Canoas, aos 3 anos, para Porto Alegre. Familiar – pai “Ele era barcadista, trabalhava nas gasolinas, barquinhas de antigamente. Depois caiu fora disso e foi trabalhar na estiva, no porto. Com a gasolina ele trabalhava no rio, puxava cargas daqui de P.Alegre para Caí. (..) Dali do Caí fomos para Montenegro e depois para P.Alegre”.	Deslocamento p/Canoas “Depois que casei é que vim para Canoas, foi lá por 54.”Eu pagava aluguel em Porto Alegre e era um lugar ruim, apertado. Então achei melhor comprar um terreno e fazer uma maloca aqui em cima”.
Clair Beltrame	Saiu de Getulio Vargas para Nova Prata, aos 18 anos.	Deslocamento p/Canoas Em 1958, aos 21 anos. “Canoas se delineava como uma cidade do futuro, por causa da BR-116”.
Lucy Lopes de Oliveira	Primeiro deslocamento: aos 6 anos para Cachoeira do Sul	Após o casamento, deslocamento p/Canoas há 12 anos, na época. (entrevista realizada em 1999). Busca de melhor situação financeira

Inserção na nova comunidade

Local da nova moradia	Integração-facilidades	Integração-dificuldades	Emprego/atividade
Clodomiro Koch			
Inicialmente Mathias Velho (por falta de recursos, depois Igara)	Conseguiu entrosar-se com corretores que vendiam loteamentos em Igara. Mesmo ganhando pouco com a corretagem (Territorial São Carlos) conseguiu comprar um terreno de uma transferência. Abatia as prestações do terreno por mês, na folha de pagamento.	Salário miserável. Dificuldades com água potável.	Mecânico de aviões. Após, mecânico de automóveis.
Clair Beltrame			
Primeiro num terreno alugado. Depois comprou terreno da Sociedade São Carlos, em Igara.	Foi coordenador do Cursilho da Cristandade na Paróquia em Igara. Divulgador da Cruz do Amor, movimento da Igreja Católica. “Sobre o bairro, atualmente: Têm muitos brasileiros. Hoje nós convivemos bem com todos. Nós, italianos temos uma festa que se faz uma vez por ano: é o jantar dos italianos. Acontece no inverno, julho ou agosto. Vem gente de Veranópolis, os Ranzollin, os Pozzi de Bento Gonçalves”.	Inicialmente a Rua Curupi, onde construíram a casa não era asfaltada, ficando muitos anos sem calçamento. “Não tinha padaria, nem supermercado”.	Chapeador
Lucy Lopes de Oliveira			
Vila União dos Operários	Por intermédio da irmã, que já morava na comunidade, começou a participar da horta	Inicialmente não conseguiram fixar-se em um terreno desocupado.	Marido trabalha em frigorífico em Porto Alegre. Coordena creche da horta comunitária e é presidente

	comunitária. Diferenças em relação a Cachoeira do Sul: “Lá a vida religiosa era pelo social. Aqui em Canoas busca-se muita formação, pratica-se a partilha e a grande troca de experiência e de sabedoria”.		da cooperativa local.
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-----------------------

Esta pequena amostra proporciona mais questionamentos do que respostas, mas permite que iniciemos uma reflexão pelos elementos em comum, como por exemplo, o longo tempo de moradia na cidade, a origem humilde – são descendentes de pessoas com baixo poder aquisitivo, exercendo atividades que não exigem investimentos significativos em termos de educação formal - (ainda que Lucy possua formação melhor qualificada). Também todos são oriundos de pequenas cidades do interior gaúcho, que, na nova cidade, não agregaram um novo perfil na sua inserção social, inclusive habitando localidades periféricas. A cidade de Canoas pareceu-lhes, já que passavam por dificuldades financeiras e este não era seu primeiro deslocamento, como plena de potencialidades para a melhoria financeira de suas vidas.

Dentre as dificuldades enfrentadas ao chegarem, não mencionaram algum tipo de discriminação ou dificuldades colocadas pelos moradores já estabelecidos. É provável que, devido à proximidade cultural, bem como aos locais onde instalaram-se – plenos de outros migrantes, não tenham sofrido grandes rupturas no seu cotidiano. O deslocamento de um grupo de uma região a outra não significa a perda do seu conhecimento adquirido, mas sim a justaposição de significados e valores culturais. Assim, pode-se afirmar que a identidade é algo reinventado em diferentes tempos. (Lucena, Célia. Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes. SP, Arte & Ciência, 1999, p.23).

Os obstáculos referiram-se bem mais às precariedades infra-estruturais, à medida que, com recursos deficientes foram obrigados a habitar zonas pouco valorizadas da cidade. Os migrantes costumaram em seus depoimentos valorizar sua participação na resolução das deficiências infra-estruturais, como uma forma de construir, moldar o novo espaço, demonstrar que não estava efetivamente pronto, necessitando da interferência daquele que chegava para configurar-se como plenamente habitável.

Outra forma de integração foi proporcionada pelas atividades junto a associações comunitárias ou religiosas. Aliás, o elemento religioso demonstrou ser uma forma de manter o elo com o passado, à medida que a lembrança da religiosidade significava a união familiar, conforme recorda Clair Beltrame: “No almoço, de noite sempre se rezava. Agora a minha mãe, quando moramos um tempo em Sananduva, na época quando terminou a guerra, em 1942-45, nós rezávamos o terço todas as noites. Isso era infalível. Nós éramos pobres, mas dos 6 filhos ninguém ia dormir sem rezar o terço”. A etnicidade, presente na valorização da origem italiana, na fala de Clair Beltrame (ver quadro “Inserção na nova comunidade”), também foi elemento presente para proporcionar a integração no novo espaço).l

Por outro lado, mesmo que fator inicial de atratividade para os migrantes, o crescimento de Canoas foi visto com algum temor, fazendo a cidade distanciar-se ainda mais do local de origem, como pode-se perceber em depoimentos, como o de Clair Beltrame: “Eu pessoalmente acho que não devia crescer muito, principalmente não deixar construir edifícios altos. (...) “Nosso bairro parece mais uma cidadezinha do interior. Isso é que me atrai. Porque às vezes vou na Mathias, na igreja e vejo que tem muitos pobres”.

Clodomiro Koch também lamentou algumas transformações dos tempos atuais: “O bairro era mancíssimo. Podia dormir no meio do campo tranqüilo. Hoje não é liberal de ir ali no boteco, de dia, descansado. Pode ser assaltado no meio da rua. Aqui acontece seguido: na padaria, na fruteira. Aparece no jornal, a polícia correndo atrás dos marginais. Mas isso foi depois da criação da Vila Guajuviras e no fundo da Mathias. Dali eles vêm.”

4. Encaminhando conclusões

O relato oral produz um corpo documental cuja natureza convida o pesquisador a exercitar sua sensibilidade para poder ler nas marcas pessoais, que aparentemente individualizam o depoente, um texto que narra a experiência coletiva daquele grupo de migrantes.

As lembranças de homens e mulheres que migraram são marcadas ou pelo confronto com a supervalorização de valores culturais diversificados (ressignificação da questão religiosa), percebido no depoimento de Lucy (ver quadro “Inserção na nova comunidade”), como também

pela recriação de práticas sociais do passado e pela transmissão das tradições, conforme observa-se em Clodomiro e Clair (que inclusive autodenomina-se “italiano”).

Por intermédio da participação em organizações como a igreja, horta comunitária ou atividades que exigiam o contato com o público, eles foram elaborando o que, em um primeiro olhar, assemelhava-se a um sentimento de pertencimento ao local de moradia e à cidade, um desejo de auto-organização e busca de transformação da realidade local.

Mas uma cidade industrial de porte médio como Canoas impõe um novo ritmo de trabalho e embora alguns continuassem exercendo tarefas semelhantes às que desenvolviam, muitos migrantes ingressaram em uma nova dinâmica – a do tempo industrial. A cidade sugere a racionalização do orçamento, propõe uma vida individualizada, com experiências e percepção de ritmos diferentes do que possuíam nas pequenas cidades. Este movimento não foi percebido nos relatos estudados.

Na realidade os migrantes enfocados não se integraram efetivamente na vida da nova cidade, mas fixaram-se em localidades em muitos aspectos semelhantes de onde partiram, procurando reconstruir o novo espaço dentro de uma perspectiva enlaçada ao mundo anterior. Seguindo um raciocínio semelhante ao de Lucena (1999), para o morador do bairro comunitário, a demarcação social não se fez entre casa e rua, mas entre centro e periferia. Os códigos da casa e da rua são baseados na família, amizade, lealdade, vizinhança e compadrio. O código do centro da cidade é baseado em leis universais, no anonimato, no perigo e na vida pública. Dessa forma os migrantes afirmaram residir em Canoas, mas preferiram refugiar-se no bairro comunitário, passando meses ou anos sem freqüentar o centro urbano, ignorando, inclusive, as transformações que sofria a cidade, caso não afetassem o nicho que construíram para si.